

# A NATUREZA DA PAISAGEM ENTRE OS GREGOS

## THE NATURE OF THE LANDSCAPE BETWEEN THE GREEKS

Sued Ferreira da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo apresenta uma discussão sobre o pensamento da paisagem entre os antigos gregos, suas características e limites. Entende-se que a paisagem é o *locus* das interações simbólicas entre o sujeito, o território e o ambiente que o envolve. Assumindo-se como fenômeno vivido, tem sua significância cultural reconhecida, já que ultrapassa acepções que a restringe a uma unidade visual, um plano de fundo distanciado das experiências da vida. No mundo grego, a paisagem divide-se em três dimensões: natural, habitada e mítica, as quais são interdependentes e entrelaçadas. Suas fronteiras são claramente demarcadas com os ὄποι, pedras delimitatórias e templos de fronteira, de modo a comunicar suas narrativas, acessos, usos e códigos ritualísticos, indicando uma ordem cultural, social e política em uma natureza indiferenciada.

*Palavras-chave:* Paisagem; Mito; Limite; Horos; Templos de Fronteira.

### ABSTRACT

*This paper presents a debate about the landscape thinking of the Ancient Greeks, its characteristics and limits. It's understood that the landscape is the locus of symbolic interactions among the subject, the territory and the environment which surrounds it. It's assumed as a lived phenomenon, and it has its cultural significance recognized, since it surpasses the general idea which restricts it to a visual unit and to a background distanced from the life experiences. In the Ancient Greek World, the landscape is divided into three dimensions: natural, inhabited and mythical, which are interdependent and intertwined. Its borders are clearly demarcated with ὄποι – boundary markers – and temples in order to communicate its narratives, access modes, uses and ritualistic codes, indicating a cultural, social and political order in an undifferentiated nature.*

*Keywords:* Landscape; Myth; Boundary; Horos; Boundary Temple.

### INTRODUÇÃO: PENSAR A PAISAGEM

*Antes de compreender o olhar do homem sobre o mundo que lhe acolhe e repele, antes de se tornar o território de sua exploração e intervenção, a paisagem é o fato do mundo, a sua feitura. (Odile Marcel, 1994).*

Conceitualmente, a paisagem vem a congregar, de forma dinâmica, as interações simbólicas entre o sujeito, o território (a materialidade) e o ambiente circundante (os conteúdos) e assim pode ser compreendida como “a forma espaciotemporal segundo a qual o habitat humano se desenvolve no mundo” (BESSE in CARDOSO, 2013: 34). Ultrapassando as acepções que a reduzem a uma unidade visual, um plano de fundo fecundado pelas representações pictóricas e narrativas literárias, a paisagem torna-se um sistema sintético que reconhece os múltiplos cruzamentos entre natureza e cultura, apresentando-se como o locus pleno do ser e de suas dimensões.

Expressa-se a partir de uma trama de narrativas, signos e significados que permitem a compreensão, organização e classificação das estruturas e formas da cultura material, das atividades diárias, das representações sociais, das crenças, valores e suas projeções nos fenômenos externos (KORMIKIARI, 2014). Isto

a posiciona como um aparato de comunicação de uma ordem política, social e religiosa que não apenas informa sobre seus modos de decodificação e interação, mas também atua como um mecanismo de construção de imagens-mundo conectadas com as práticas cotidianas, com a realidade do mundo sensível e com a própria existência humana.

Em vista disto, o artigo aqui apresentado busca contribuir com as discussões a respeito da natureza da paisagem entre os gregos, suas características e dimensões, além dos códigos, práticas culturais, orientações que comunicam. Os mitos, a poesia épica, os diários de viagem e a filosofia natural tornam-se narrativas que informam a respeito da noção grega de cosmos e estabelecem seus limites. Isto vem a impactar na estrutura e percepção das paisagens que concebem e determinam, tendo inúmeras implicações sociais, religiosas e políticas. Logo, questiona-se: qual é a natureza destas paisagens? Como são representadas? Quais componentes delimitam a sua forma?

<sup>1</sup>Mestranda em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília - UnB, na Área de Concentração de Teoria, História e Crítica em Arquitetura e Urbanismo. É membro do Núcleo de Estética, Hermenêutica e Semiótica (NEHS/CNPQ) e do Laboratório de Estudos da Urbe (LabeUrbe), ambos no âmbito do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, UnB.

## A NATUREZA DA PAISAGEM GREGA: HABITADA, NATURAL E MÍTICA

Dentro do pensamento mítico-religioso grego, as associações entre os elementos e espaços do mundo conhecido às entidades sobrenaturais são recorrentes, principalmente aos fenômenos da natureza, como resultado de uma relação subjetiva e sensível com as realidades sagradas: picos de montanhas eram associados a Zeus, nascentes as Ninfas, cavernas a Pan, lugares ermos e espaços de transição a Ártemis, os campos agrícolas a Deméter e o mar a Poseidon. Protegidos e regulados, quaisquer sacrilégios contra estes lugares consagrados implicavam em severas punições, pois rompiam com a ordem cósmica estabelecida. O respeito a paisagem significava o respeito às divindades e a comunidade política.

*A cada divisão ele deverá designar um deus, um dáimon ou ainda um herói e na distribuição da terra ele deverá atribuir primeiramente a essas divindades domínios selecionados acompanhados de tudo que lhes pertencem, de sorte que, quando as reuniões de cada divisão ocorrerem nas ocasiões pré-estabelecidas, possam promover um lato suprimento das coisas necessárias e as pessoas possam se fraternizar entre si e granjear conhecimento e intimidade. (PLATÃO, As Leis 738b: 215)*

A paisagem entre os gregos congrega um conjunto complexo de ideias que em sua maioria reflete uma dimensão do sagrado, dada em função de uma adaptação mimética a uma realidade cósmica e suas imagens arquetípicas. Segundo Susan Cole (2004), a relação entre o homem e o ambiente construído em comunidades gregas baseavam-se em três tipos de paisagens que se completavam entre si, delimitando o espaço a ser habitado ou não de acordo com a vontade do divino: a natural, a humana e a imaginada<sup>2</sup>, ou mítica, conforme tratada neste artigo.

*De modo a dirigir a corrente para o bosque sagrado de Posídon, que tinha todo o tipo de árvores de uma beleza e uma altura divinas, graças à fertilidade da terra, e para os territórios periféricos, canalizaram-na por meio de condutas ao longo das pontes. Ali construíram vários templos de muitos deuses, vários jardins e ginásios, uns para os homens, outros, à parte, para os cavalos, em cada uma das ilhas dos anéis. (PLATÃO, 117C: 238)*

A aceção de que a própria terra era compartilhada com os deuses tornou possível a coexistência destas três paisagens. A estabilidade e a continuidade exigiam uma aprovação divina,

representada no mito por meio da negociação e da experiência do ritual. O universo, que era fisicamente unitário, foi politicamente subdividido, conforme a divisão das três fronteiras cósmicas pelos filhos de Cronos, narrada por Homero: os céus foram destinados a Zeus, os mares a Poseidon, o rio Styx a Hades e a terra era compartilhada entre si, mantendo o respeito as suas regiões limítrofes.

A primeira destas paisagens estava associada as características físicas do território – montanhas, planícies, riachos e principalmente pelo oceano. Entretanto, para Barnet (2007), não havia entre os gregos, uma ideia de natureza como uma ordem separada do sagrado. Ou seja, a experiência do sagrado é uma imersão extática na unidade da natureza, a própria manifestação da φύσις.

Entendida a partir de sua raiz etimológica (φύω, φύεσθαι, nascimento/ crescimento + σις) como “A (completa) realização de um devir (...), a natureza [da coisa em si] como é percebida, com todas as suas propriedades” (BENVENIST in NADDAF, 2005: 12)<sup>3</sup>, a noção φύσις possui inúmeras camadas de significações, além de ser estruturante para o desenvolvimento do pensamento grego a respeito do Universo, como também paisagem. Em Homero, já designava “todo o processo de crescimento de uma coisa desde seu nascimento até a sua maturidade” (NADDAF, 2005:16)<sup>4</sup>.

Posteriormente, esta noção é ampliada pelos filósofos pré-socráticos a partir de quatro interpretações com base no termo ΠεριΦύσεως: enquanto matéria primordial, cuja gênese surge da junção de uma casualidade espontânea com os quatro elementos (ar, fogo, água e terra); enquanto processo: a matéria primordial torna-se secundária, frente aos princípios intrínsecos a uma ideia de natureza; enquanto matéria primordial (origem) e processo; e enquanto origem, processo e resultado.

Naddaf afirma que a partir destas interpretações, a palavra φύσις assume-se como a origem e o crescimento do universo enquanto totalidade e por tal razão, sendo a humanidade e as sociedades que residem partes desta totalidade, abordá-las significa seguir uma imagem cosmogônica já idealizada. Dessa

<sup>2</sup>Esta subdivisão da terra em três partes já aparece em Aristóteles, quando relata a proposta de Hipódamo para Mileto: “uma consagrada à religião, outra ao uso público e a terceira dada como propriedade aos particulares; a primeira se destina às despesas do culto e dos sacrifícios, a segunda à alimentação e ao soldo do exército e a terceira aos lavradores.” (ARISTÓTELES, Política 1267b)

<sup>3</sup>“the (completed) realization of a becoming (...), the nature [of a thing] as it is realized, with all its properties”.

<sup>4</sup>“the whole process of growth of a thing from its birth to its maturity”.

forma, uma reflexão a respeito da paisagem implica fundamentalmente na constituição de uma ideia de natureza e de suas transformações, pois a paisagem nada mais é do que uma porção vivenciada e contemplada da natureza enquanto totalidade incluyente (HENNRICH, 2013:66).

A paisagem humana ou habitada era segmentada e moldada pelas necessidades da agricultura e da organização política. Chamada de οἰκουμένη, o mundo conhecido ou familiar, estendia-se até os limites do Oceano primordial. É a própria representação da terra fértil, uma paisagem produtiva que se mescla entre o rural e o urbano: “Em seu sentido mais essencial, pode ser definida como uma região criada de forma coerente pela intercomunicação de seus habitantes, de tal forma que, dentro do raio dessa região, nenhuma tribo ou raça é completamente desligada dos povos além” (ROMM, 1992)<sup>5</sup>. Território onde reside a Πόλις, uma organização social autônoma, apresenta duas paisagens distintas: as ἄστυ, o núcleo urbano adensado, sede do poder político; e a Χώρα, a zona rural, a qual determinava os limites de sua Πόλις, logo, da própria οἰκουμένη.

Entremeada nas demais, a paisagem mítica tem como suporte e conteúdo, o imaginário, as imagens mentais, a memória coletiva, mitos, ritos, percepções e experiências que conformam os distintos modos de ver o mundo e suas construções simbólicas. As narrativas míticas tornam-se componentes na organização político-social, na construção do lugar, cujos artefatos tentam conformar-se a uma imagem cosmogônica, permitindo uma orientação e fixando os limites do espaço profano, amorfo, portanto sem limites, ἀπειρον. Em um mundo onde as distâncias são medidas apenas por meio das viagens e deslocamentos, as diferenças entre um mundo sem limites e aqueles cujos limites não podem ser alcançados são relativamente tênues (ROMM, 1992).

Há um ideário que informa sobre a existência de três mundos coexistindo entre si: o mundo sensível ou do meio, habitado pelos homens; o mundo dos céus, habitado por seres superiores e o mundo dos mortos ou subterrâneo, habitado pelos espíritos e seres ctônicos. Tais mundos são interligados e tem seus limites demarcados por símbolos hierocósmicos (axis-mundi, centro,



Figura 01: Mapa da οἰκουμένη ptolomaica, elaborado por Johannes Schnitzer, 1482.  
 Fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/Ecumene>

<sup>5</sup>“in its most essential meaning, can be defined as a regions made coherent by the intercommunication of its inhabitants, such that, within the radius of this regions, no tribe or race is completely cut off from peoples beyond it”.

fronteiras, labirintos e passagens) e demonstram o papel organizador das divindades no pensamento mítico-religioso, assim como uma concepção de homem e de mundo.

A paisagem mítica é apresentada em oposição ao mundo conhecido, conectada a este, porém distante da experiência humana cotidiana e impossível para mortais comuns alcançarem. Localizada para além da οἰκουμένη, nos limites e extremidades da Terra, πέρας, é indicada por Hesíodo como o submundo, o reino de Hades e Perséfone. Para Romm (1992), πέρας também poderia representar o Oceano, o “rio primordial” que circunda a massa terrestre formada pela Europa, a Ásia e a África, atuando como uma barreira que limita sua extensão e indica um mundo desconhecido, selvagem, atávico e caótico onde residem criaturas bestiais como híbridos, sereias, górgonas, ciclopes e harpias, dentre outros. Uma imagem-mundo constantemente retratada na literatura e formadora da concepção arcaica de mundo helênica: “Okeanos e Eridanos são fronteiras simbólicas que delimitam luz e trevas, vida e morte, vigília e sono, consciência e inconsciência” (NAGY, 1990: 236)<sup>6</sup>.

Associada a ideia de limite (πέρας), encontra-se a palavra περίοδος, que pode ser entendida como invólucro, ou seja, aquilo que circunda e também é capaz de separar o mundo ordenado do caos amorfo, o mundo estrangeiro e do mundo conhecido, seja por meio de barreiras físicas impostas pela natureza (ex. Pilares de Hércules) ou de sanções divinas. O περίοδος vem a denotar um espaço organizado pelos deuses, uma hierofania, onde o sagrado é constantemente manifestado, fixando os limites e norteando o território habitável (ELIADE, 1992).

O estabelecimento de limites que ordenam o território e a paisagem é essencial para a compreensão da noção grega de cosmos. Só por intermédio de uma barreira, que o espaço interno – aquele ocupado pelo homem – é diferenciado do espaço externo – o território desconhecido, onde opera a noite e o caos. E por consequência, estes limites estavam sempre associados a uma divindade, cuja função era impedir que o vazio e o espaço profano interferissem na sacralidade do espaço ordenado.

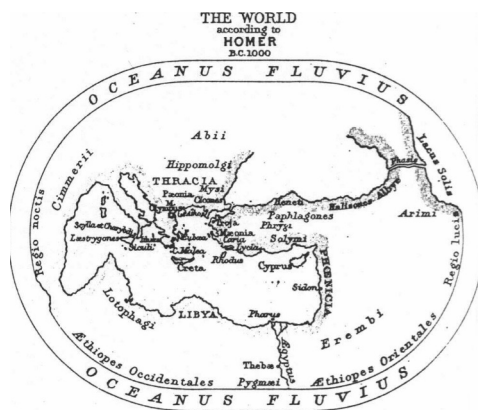


Figura 02: Mapa-mundi segundo as narrativas de Homero.  
Fonte: <https://commons.wikimedia.org/>



Figura 03: Mapa-múndi, Anaximander.  
Fonte: <http://www.philosophy.gr/>

<sup>6</sup>“the okeanos and eridanos are symbolic boundaries delimiting light and darkness, life and death, wakefulness and sleep, consciousness and unconsciousness”.



Isto vem a materializar-se a partir da distribuição estratégica de santuários no território, na οἰκουμένη, a fim de delimitar fronteiras, e também de proteger e garantir a permanência de um espaço de caráter sagrado. Estes santuários urbanos e extra-urbanos apoiavam e legitimavam por meio de seus mitos e rituais as instituições locais, protegiam as propriedades públicas e privadas e eram pontos de intercâmbio entre comunidades, fixando-as dentro dos limites estabelecidos pela ordem cósmica.

A região da fronteira pertencia apenas aos deuses e era denominada como Χώρα Μεθωρια, o espaço “entre” ou de transição. Pausânias em seus escritos indica de forma mais precisa que muitos destes santuários eram dedicados a Deusa Ártemis, devido a sua associação com áreas em disputa e principalmente seu aspecto que preside as transições, do selvagem ao civilizado, da infância a fase adulta, do cognoscível ao incognoscível. Muitos de seus santuários localizavam-se também em topos de montanhas e vales, mas estavam sempre em relação direta com as estradas e interstícios que protegia e por isso era chamada de Artermis Proskopa, “aquela que vigia” (COLE, 2004).

*O santuário, o lugar onde dois mundos se encontram, é, portanto, visto como o ponto estável, onde uma passagem controlada de um para o outro é possível. Assim, a categoria de locais de culto em “relativas” posições-limite deve ser expandida para incluir aqueles que ocupam posições “absolutamente” extremas: situado no coração do mundo selvagem, estes santuários manifestam a integração das divindades que, por serem potencialmente hostis, tornam-se benéficas para a comunidade, que abre espaço para elas dentro de sua vida religiosa (POLIGNAC, 1991)<sup>7</sup>*

A localização dos santuários e marcos delimitatórios reflete as formas da própria terra e enfatiza a relação entre territórios políticos e as paisagens naturais, conciliando as divisões em torno de uma paisagem totalizante. Ademais, tornam-se pontos de encontro entre os mundos, ou seja, atuam como limiares entre o sagrado e o profano, entre o sensível e o transcendente, conectando as tradições míticas à πόλις e à φύσις.



Figura 04: ὄρος H2, pertencente a um santuário a sudoeste do Areopagus, Ágora de Atenas. Fonte: LALONDE, 1938.



Figura 05: ὄρος H8, encontrado a sudoeste da FountainHouse, Ágora de Atenas. Fonte: LALONDE, 1938.



Figura 06: ὄρος H22, encontrado na Stoa de Attalos. Fonte: LALONDE, 1938.

<sup>7</sup>*The sanctuary, the place where two worlds meet, is accordingly seen as the stable point where a controlled passage from the one to the other is possible. So the category of cult sites in ‘relatively’ borderline positions must be expanded to include those that occupy ‘absolutely’ extreme positions:*

Além dos santuários, haviam outros marcos delimitatórios das paisagens gregas, ὄρος (singular) ou ὄροι (plural) - em grego “fronteira” ou “vigia”-, estelas de pedra que assinalam um lugar e informam o uso a ele associado. Segundo Lalonde (1938), tinham a função de proteger as propriedades da violação, cuja integridade era mantida por sanções religiosas, designando os ὄροι como expressões simbólicas e sociais: “Eu (a estela) sou o horos da Ágora” / “Eu sou o horos das terras privadas; Eu te ordeno a não ultrapassar” / “Eu sou o horos do temenos sagrado; Eu te ordeno a realizar o ritual apropriado” (OBER, 1995)<sup>8</sup>.

Polignac (1991) sustenta que nem os ὄροι ou os santuários de fronteiras permaneciam isolados no território, pois estavam em relação direta com a πόλις e sua χώρα, o que garantia soberania e participação de sua existência cultural. As fronteiras eram então locais sob a proteção das divindades, onde as distintas paisagens encontravam-se e as comunicações eram possíveis, estabelecendo uma clara demarcação do mundo ordenado e do que estava além deste, ou seja, eram a expressão de uma autoridade territorial que impunha uma ordem humana sobre um meio indiferenciado.

É importante considerar que estas três paisagens coexistiam e mesclavam-se umas nas outras. A realidade da paisagem natural modelava as comunidades políticas, e seus recursos determinavam os limites da produção agrícola. A πόλις incorporava os elementos da paisagem natural, reconhecendo montanhas, linhas costeiras, bacias hidrográficas como fronteiras locais (COLE, 2004). Isto vem a indicar um reconhecimento das relações entre as características físicas da natureza, os resíduos da ocupação humana, a linguagem e o imaginário utilizados para sua descrição e representação.

*Ocupar um espaço significa distinguir o que é habitado do que não é, [...] fundando a ordem a partir do caos. Em outras palavras habitar não é apenas criar lugares, mas também não-lugares, outros espaços. O delimitar - ato de fundação do lugar e, portanto, do habitar - implica o estabelecimento de uma dualidade, seja ela qual for - interno/externo, ordem / desordem, limitado / ilimitado, lugar / espaço, identidade / alteridade - ou seja, significa conceber a existência não só de si, mas também de algo diferente-de-si, algo certamente mais incerto, vago, indeterminado, dificilmente qualificável, mas tão "real" quanto. Por outro lado, toda oposição vive de ambos os termos que a constituem, pois não só implica a existência de duas almas, mas também a ideia de que, afinal de contas, entre estas duas almas há uma "ligação de parentesco" (NATALE in GIUSTINI, 2009)<sup>9</sup>*

Desta forma, pensar as paisagens gregas e as relações entre as suas dimensões física, política e imaginada ou mítica significa pensar a paisagem enquanto narrativa e experiência, como suporte aos processos de subjetivação e sua expressão nas formas de habitar o mundo. Além de indicar caminhos para a apreensão de seus limites, sua materialidade e especificidades. A construção de uma paisagem que emerge da totalidade da natureza, articula novas significações e desdobramentos possíveis da relação natureza e cultura, indicando conteúdos incorporados que determinam os modos de leitura, interação e ordenamento.

E assim, a paisagem preenche-se de mitos, lendas, crenças, valores e conhecimento, permitindo ao sujeito que nela se insere deixar-se afetar por suas formas, reestabelecendo os laços com o mundo, com a natureza e com o outro. A construção de uma noção sobre a paisagem implica em um entrelaçamento de espacialidades, de fatos sociais e culturais, valores estéticos e constitutivos do ser, que ampliam os campos do sentido e das percepções e, penetram suas concepções e modos de apreendê-las e fabricá-las.

---

*situated at the heart of the wild worlds, these sanctuaries manifest the integration of deities who, from being potentially hostile, become beneficent for the community that makes room for them within its religious life”.*

<sup>8</sup>*“I (the stele) am the horos of the agora” / “I am the horos of private land; I order you not to trespass” / “I am the horos of the sacred temenos; I command you to perform the appropriate ritual”.*

<sup>9</sup>*“Occupare uno spazio significa distinguere ciò che è abitato da ciò che non lo è, [...] fondando l’ordine a partire dal caos. In altre parole abitare non significa solo creare luoghi, ma anche non-luoghi, spazi altri. Il delimitare - atto di fondazione del luogo e dunque dell’abitare - implica l’istituzione di una dualità, qualunque essa sia - interno/esterno, ordine/disordine, limitato/illimitato, luogo/spazio, identità/alterità - ovvero significa concepire l’esistenza non solo del sé ma anche di qualcosa di altro-da-sé, un qualcosa certamente più incerto, sfumato, indeterminato, difficilmente qualificabile, ma altrettanto “reale”. D’altronde ogni opposizione vive di entrambi i termini che la costituiscono, in quanto non solo implica l’esistenza di due anime, ma anche l’idea che, in fondo, tra queste due anime esiste un “legame di parentela”.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes Primárias:

ARISTÓTELES. *A política*. Disponível em <[http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh\\_aristoteles\\_a\\_politica.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh_aristoteles_a_politica.pdf)>, acesso em dezembro de 2015.

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 1996.

PAUSANIAS. *Description of Greece*. English translation by W. H. S. Jones. Disponível em <<https://ryanfb.github.io/loebolus-data/L093.pdf>>, acesso em dezembro de 2015.

PLATÃO. *Timeu-Críticas*. Tradução de Rodolfo Lopes. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011.

\_\_\_\_\_. *As leis*. Disponível em <<https://drive.google.com/file/d/0B2a3UynNKV2CUC1MR3ZKQTBWczA/edit>>, acesso em: dezembro de 2015.

### Fontes Secundárias:

ARNAUD, Pascal. Mapping the Edges of the Earth: Approaches and Cartographical in: PODOSSINOV, Alexander V (org.). *The Periphery of the Classical World*. Paris, 2014.

BARNETT, Rod. *Sacred Groves: sacrifice and the order of nature in ancient Greek landscapes*. Disponível em <[https://www.academia.edu/1081445/Sacred\\_Groves\\_Sacrifice\\_and\\_the\\_Order\\_of\\_Nature\\_in\\_Ancient\\_Greek\\_Landscapes](https://www.academia.edu/1081445/Sacred_Groves_Sacrifice_and_the_Order_of_Nature_in_Ancient_Greek_Landscapes)>, acesso em dezembro de 2015.

BESSE, Jean-Marc. Estar na paisagem, habitar, caminhar. In CARDOSO Isabel L. *Paisagem Patrimônio*. Porto: Dafne Editora, 2013.

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da Paisagem*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

COLE, Susan Guettel. *Landscapes, gender, and ritual space: the ancient Greek experience*. University of California Press, 2004.

COLLOT, Michael. A paisagem na arte moderna e contemporânea. In CARDOSO, Isabel L. *Paisagem Patrimônio*. Porto: Dafne Editora, 2013.

COSGROVE, Denis. *Apollo's Eye: A Cartographic Genealogy of the Earth in the Western Imagination*. Baltimore, MD, USA: Johns Hopkins University Press, 2001.

\_\_\_\_\_. Geography is everywhere: Culture and Symbolism in Human Landscapes. In: OAKES, Timothy S.; PRICE, Patrícia L. (org.). *The cultural geography reader*. London and New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2008.

DINIZ, S. *Santuários de fronteira na Grécia antiga*. São Paulo: Labeca- MAE/USP, 2009. Disponível em <[http://labeca.mae.usp.br/media/filer\\_public/2013/07/16/diniz\\_santuarios\\_de\\_frenteira.pdf](http://labeca.mae.usp.br/media/filer_public/2013/07/16/diniz_santuarios_de_frenteira.pdf)>, acesso em dezembro de 2015.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GIUSTINI, Francesco. *Narrativa di fronteira: Fenomenologia di una forma aperta*. 2009. Tese. Università di Bologna.

HENNRICH, Dirk-Michael. A paisagem entre a física e metafísica. In: SERRÃO, A. V. (org.) *Filosofia e Arquitetura da Paisagem: intervenções*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013.

HORSTER, Marietta. *Religious Landscape and Sacred Ground: Relationships between Space and Cult in the Greek World*. Disponível em: <http://rhr.revues.org/7661>. Acessado em: dezembro de 2015.

KORMIKIARI, M.C.N. *Arqueologia da Paisagem*. São Paulo: Labeca - MAE/USP, 2014. Disponível em <[http://labeca.mae.usp.br/media/filer\\_public/2014/07/16/kormikiari\\_arqueologia\\_paisagem.pdf](http://labeca.mae.usp.br/media/filer_public/2014/07/16/kormikiari_arqueologia_paisagem.pdf)>, acesso em dezembro de 2015.

LALONDE, G. V; LANGDON, M. K; WALBANK, M. B. *Inscriptions: horoi, poletai records, leases of public lands*. New Jersey: University of Princeton Press, 1938.

NADDAF, Gerard. *Greek concept of nature*. New York: State University New York Press, 1950.

NAGY, Gregory. *Greek mythology and poetics*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1990.

OBBER, Josiah. Greek Horoi: artefactual texts and the contingency of meaning. In: SMALL, David B; Brill, E. J. *Methods in the Mediterranean: historical and archeological views on texts and archeology*. Leiden, New York, Koln: 1995.

POLIGNAC, François de. *Cults, territory, and the origins of the Greek city-state*. Translated by Janet Lloyd. Chicago and London: the University of Chicago Press, 1991.

ROMM, James S. *The edges of the earth in ancient thought: geography, exploration and fiction*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1992.

GRAY, Martin. *Sacred Geography of Ancient Greece*. Disponível em <[https://sacredsites.com/europe/greece/sacred\\_geography\\_of\\_ancient\\_greece.html](https://sacredsites.com/europe/greece/sacred_geography_of_ancient_greece.html)>, acesso em: dezembro de 2015.

